

A (RE)EXISTÊNCIA DE INDÍGENAS T NA AMAZÔNIA TOCANTINA

THE (RE)EXISTENCE OF INDIGENOUS T IN THE AMAZON TOCANTINA

Alexandre Araripe 1
Marcos Irondes Coelho 2

Resumo: O trabalho aborda o fenômeno da “transgeneridade” entre indígenas da Ilha do Bananal no estado do Tocantins, a partir da “observação participante” das/com/as pessoas indígenas transgêneros da etnia Javaé e Karajá. Nosso Tema de pesquisa: as “pessoas indígenas T entre gênero”, pois suas (re)existências desafiam às práticas pedagógicas e curriculares da educação escolar e universitária na Amazônia Tocantina. Nosso Objetivo geral: compreender o contexto do aldeamento e o cotidiano das redes sociais no qual estas pessoas existem e vivenciam suas identidades de gênero. Pautada na “Pesquisa-Implicada” de abordagem fenomenológica, tem como método a etnometodologia e etnopesquisa-formação, além de trazer uma amostragem de uma Netnografia do movimento virtual LGBT indígena. Destaca-se ainda que as pessoas indígenas T, não se incomodam com a classificação que a cultura americana e eurocêntrica lhes atribui, vivendo e (re) existindo sua transfeminilidade em sua comunidade de pertencimento, porque vidas indígenas transfemininas importam muito para eles e para nós nesse trabalho, somos todas parentes e da mesma comunidade.

Palavras-chave: Transgeneridade Indígena. Pessoas T entre gênero. Ilha do Bananal.

Summary: The work addresses the phenomenon of “transgenderness” among indigenous people from Bananal Island in the state of Tocantins, based on “participant observation” of/with/the transgender indigenous people of the Javaé and Karajá ethnic group. Our research theme: “indigenous people between genders”, as their (re)existences challenge the pedagogical and curricular practices of school and university education in the Tocantina Amazon. Our general objective: to understand the context of the village and the daily life of social networks in which these people exist and experience their gender identities. Based on “Implicated Research” with a phenomenological approach, its method is ethnomethodology and ethno-research-training, in addition to providing a sampling of a Netnography of the indigenous LGBT virtual movement. It is also noteworthy that indigenous T people are not bothered by the classification that American and Eurocentric culture attributes to them, living and (re)existing their transfemininity in their community of belonging, because transfeminine indigenous lives matter a lot to them and to us. In this work, we are all relatives and from the same community.

Keywords: Indigenous Transgenerity. Cross-gender T People. Bananal Island.

1 - Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da UFT. Mestrando do Programa de Pós-graduação Profissional em Educação (PPPGE/UFT) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7032271689187056>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7328-8592>. E-mail: araripeto@gmail.com

2 - Doutorando em Educação na Amazônia e Mestre em Educação pela UFT, Professor da Educação Básica da SEDUC/TO e do Curso de Pedagogia da UFT, vice-líder do grupo de pesquisa CNPq Gepce/Minorias. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7032271689187056>, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3428-9714>. E-mail: marcos.irondes@gmail.com

Introdução

Essa pesquisa é realizada no/pelo/com o Grupo de Estudos e Pesquisas de Currículos Educacionais das/com/para Minorias Sociais Nortistas Amazônicas. Trata-se de um percurso investigativo que se inicia com indígenas Javaé e Karajá percebidas primeiramente como transgêneras, na Ilha do Bananal, Estado do Tocantins, se desdobra num segundo contexto, para a netnopesquisa implicada com indígenas LGBTQIA+ de várias regiões do país. Nosso recorte evidencia as *“pessoas indígenas T entre gêneros”*, cujas (re)existências desafiam às práticas pedagógicas e curriculares da educação escolar e universitária na Amazônia tocantina. Como objetivo procuramos compreender o contexto do aldeamento e o cotidiano das redes sociais no qual estas pessoas existem e vivenciam suas identidades de gênero.

A problemática central da investigação nasce de narrativas de profissionais da Educação e da Saúde como, *“Não sei lidar”, “É tanta coisa que eu vejo acontecer”, “E eles aceitam pessoas assim na aldeia?”*, quando então estivemos em ação de trabalho na Aldeia Canoanã, dos povos Javé e Karajá.

Conhecer a cultura dos Javaé e apreender como suas raízes originárias se alicerçam na riqueza mitológica e de seu meio ambiente, onde a natureza toma formas divinas e interfere na vida de seus membros com a mesma realidade do mundo material urbano, pode-se entender como a fluidez de suas sexualidades, com e apesar da colonização, do apagamento permanente de suas culturas, nos provoca o descentramento de nossas certezas e naturalizações tão hegemonicamente construídas.

Metodologia

Seguimos a base epistêmica da Fenomenologia, dentro da pesquisa implicada e como práxis, a Netnopesquisa, pautada em Miskolci (2009, 2011) e Kozinets (2014). Inicialmente o projeto previu a pesquisa de campo na Aldeia Canoanã, território indígena na Ilha do Bananal que, com o advento da pandemia de Covid-19, tornou-se inviável o planejamento inicial. O trabalho então se amplia quando o contexto mundial se torna basicamente online, porém mantendo o foco nas pessoas indígenas T entre gêneros. Foi quando se descortinou o movimento de indígenas autodenominados LGBTQIAP+ no espaço virtual, efervescente, crescente e atuante.

entendemos a inviabilidade desse projeto, e passamos a fazer abordagens teóricas, introdutórias, inconclusivas com base nos relatos orais de / com uma pessoa indígena Karajá que, ao aprendermos que não poderíamos enquadrá-la em nenhuma denominação de gênero, levou nossa reflexividade a assumir a possibilidade emancipacionista de identificá-la como uma *“pessoa T”* indígena entre-gêneros. (ROCHA, ARARIPE & COELHO, 118:2020)

O desafio desta pesquisa que originalmente esteve ancorada na oportunidade de ter o registro de suas vozes e narrativas, na observação de suas rotinas dentro dos espaços sociais e culturais de seu povo, na perspectiva de não falar *“sobre”*, mas falar *“com e a partir das”* indígenas. A pesquisa talvez tenha sua maior implicação exatamente neste aspecto quando o processo formativo e constitutivo do pesquisador se daria de forma concreta na vivência relacional com fenômeno e sua fenomenologia. Sugerindo talvez, o real processo pedagógico de formação a que um programa em Educação possa vir a oferecer, a transformação e aprimoramento do profissional decorrente da construção do saber vivido e orientado pelo seu orientador e coorientador de pesquisa.

Resultados e discussões

No período entre abril e junho de 2020 apreendemos narrativas dos/com os indígenas LGBTQIAP+, 4 webdocumentários (135’), 7 reportagens com indígenas T e não binárias, 8 lives (8h e

15 min, com 27 narrativas indígenas totais) e todo o movimento em plataformas e mídias digitais (6, alcance 698.551 pessoas, 26 narrativas indígenas totais). Ao todo o acompanhamento das narrativas indígenas entre abril e julho de 2020, somou 10 horas e 40 minutos de duração de produção oral (debates e entrevistas online) e 53 narrativas indígenas (postagens em redes sociais, falas individuais e em grupos).

“*Nosso povo não criou o gênero*”. Esta fala de Katu Mirim, da etnia Boe Bororo, nos permite entender o trânsito entre os gêneros, ela ainda se autoafirmando bissexual, diz que o próprio movimento LGBT não a acolhe pois não se COM-FORMA nas regras da sexualidade branca, não há caixa classificatória para a sua fluidez. Deltino Uketê, indígena T da Ilha do Bananal, pertencente ao povo Javaé, nos descreve que pouco se importa com a forma de gênero que é tratado, seja no artigo masculino ou feminino, ela ou ele. Deltino vive períodos em que se apresenta transfeminina, como também, na performance de “homem gay”.

Observamos com as indígenas que se expressam naquilo que BAGAGLI (2017) traduz como a transfeminilidade. Algo que vai além da linearidade de ser uma mulher enquadrada na cisnormatividade. Linearidade esta, nos fala a autora, que não veio “desde sempre”, “desde criança”, mas que se constitui de maneira “fugidia”, como numa colcha de retalhos. E por ser assim, não se desqualifica a existência da feminilidade das pessoas transfemininas, como num atestado de autenticidade do ser mulher.

Através do convívio com um(a) dos(as) indígenas que nos iria hospedar em sua casa, em Canoanã, quando indagado(a) sob de que forma gostaria de ser tratado, se por senhor ou senhora, ouvimos a resposta, “como quiser”. E reparando nos próprios nomes naquela aldeia, todos são agêneros do ponto de vista da Língua Portuguesa como, Tewaxy, Makukawa, Indianari e tantos outros.

O colonialismo se faz presente ainda na atualidade de seu cotidiano, por meio do cristianismo católico e pentecostal, que ocupa o território e faz morada entre os indígenas, imbricando as leis do mundo branco e seu pensar, batizando com nomes genericados na identificação macho e fêmea.

É na narrativa de Niotxarú Pataxó que se faz evidente de que a Educação deve urgentemente abrir espaço para debater a diversidade sexual fora do ou além do pensamento cisheteronormativo e, considerar as interseccionalidades como, etnia. Niotxarú concorda que se autoafirmar LGBTQIAP+ é uma estratégia política de (re)existência, mas que a sexualidade de seus povos, é fluida e muito anterior ao contato com o homem branco, com limites e contextos diferenciados.

O antropólogo Estevão Fernandes (2015, 2019, 2020), em sua pesquisa comparativa entre as américas, em que trata da homossexualidade entre indígenas, nos descortina os indígenas *Two Spirit*, denominação para as pessoas T de povos norte americanos e canadenses. Para eles uma pessoa T é mítica e traz a presença de dois espíritos em si, um masculino e outro feminino, e por isso eram tidos com status de alta hierarquia ancestral.

Concluimos o texto, porém não o estudo, de que refletindo no pensar de Judith Butler (2000), é nos corpos de indígenas T que flui diversas formas de ser no mundo, uma proposta que em sua maioria é paga com a sujeição do enquadramento nos processos de escolarização e da formação universitária de futuros professores, que os apaga sua expressividade. Uma Educação em que os currículos formativos profissionais estão ainda fundamentados na catequese jesuítica, jamais abrangerá ou apreenderá a subjetividade destes sujeitos e continuará a repetir “*não sei lidar*”.

Referências

BAGAGLIN, B. P. Sobre Transfeminilidade. **Site Transfeminismo**, 2017. Disponível em: <https://transfeminismo.com/sobre-transfeminilidade/>. Acesso em: 15/06/2021.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. *In*: LOURO, Guacira

Lopes (Org.). **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 151-167. ISBN 85-86583-33-2.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importam**: sobre os limites materiais e discursivos del “sexo”. Barcelona: Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Deshacer el genero**. Barcelona: Paidós Iberica Ediciones, 2006. 392 p. ISBN 8549318807. Disponível em: https://issuu.com/luizguilhermefonseca/docs/judith_butler_-_deshacer_el_genero. Acesso em: 5 out. 2020.

BUTLER, Judith. Sujeição, resistência, resignificação: entre Freud e Foucault. *In: A vida psíquica do poder*: Teorias da sujeição. Tradução de Rogério Bettoni. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. p. 89-112. ISBN 978-8551302972.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Decolonizando sexualidades**: enquadramentos coloniais e homossexualidade indígena no Brasil e nos Estados Unidos. Orientador: Cristhian Teófilo da Silva. 2015. 383 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/19269>. Acesso em: 1 jun. 2020.

FERNANDES, Estevão Rafael. **Existe índio gay?** - a colonização das sexualidades indígenas no Brasil. 2 ed. Curitiba: Brazil Publishing, 2019a. 206 p. ISBN: 978-65-5016-118-7.

FERNANDES, Estevão Rafael. Normalizando povos indígenas: um olhar sobre o Diretório Indígena (1757). **RIDH**: Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos, São Paulo, v. 7, n. 2, p. 39-60, jul./dez., 2019b. ISSN 2387-7738. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/download/729/333>. Acesso em: 16 out. 2020.

KOZINETS, Robert V. **Netnografia**: realizando pesquisa etnográfica online. Porto Alegre: Penso, 2014.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias** [online]. n. 21, p.150-182, jan./jun, 2009. ISSN 1807-0337. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1517-45222009000100008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/soc/n21/08.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2020.

MISKOLCI, Richard. Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. **Cronos**: R. Pós-Grad. Ci. Soc. UFRN, Natal, v. 12, n. 2, p. 9-22, jul./dez. 2011. e-ISSN: 1982-5560. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/cronos/article/view/3160/pdf>. Acesso em? 7 jun. 2020.

ARARIPE, A. F., ROCHA, J. D., COELHO, M. I. **Experiências De / Com Uma “Pessoa T” Indígena Entre-Gêneros do / no Cotidiano Tocantinense** Revista Teias v. 21 • n. 61 • abril/junho 2020 • Sessão Temática Desafios da Educação na/da/para a Amazônia. Proped-UERJ.

UKETÊ, Deltino. Indígena transexual supera preconceitos e se torna professora de crianças em aldeia. [Entrevista cedida a] Leicia Queiroz. **G1 Tocantins**, 19 abr. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/to/tocantins/noticia/2019/04/19/indigena-transexual-supera-preconceitos-e-se-torna-professora-de-criancas-em-aldeia.ghtml>. Acesso em: 5 out. 2020.

Recebido em 22 de maio de 2023.
Aceito em 27 de outubro de 2023.